

Eduardo Pellejero*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Perante a escrita

Resumo: A escrita é flutuante, tanteante, indisciplinada, mas enquanto maneira absoluta de ver as coisas constitui um instrumento único de prospeção da realidade. Ao mesmo tempo laboratório formal, na escrita ou pela escrita tem lugar a confrontação entre a contingência da existência e a força da linguagem, entre a ambiguidade do que é significação e a consciência reflexiva. O presente ensaio procura revisitar e problematizar essa potência e essa impropriedade, aspirando a delinear um horizonte de investigações.

Palavras-chave: escrita, contingência, impropriedade, força da linguagem

Abstract: Writing is fluid, gestural, undisciplined, yet as an absolute way of seeing things, it constitutes a unique instrument for exploring reality. At the same time a formal laboratory, in writing or through writing, the confrontation takes place between the contingency of existence and the power of language, between the ambiguity of meaning and reflective consciousness. This essay seeks to revisit and problematize this power and this impropriety, aiming to outline a horizon for further investigations.

Keywords: writing, contingency, impropriety, force of language

Ao longo da minha vida, o meu comércio com o mundo e a minha curiosidade levaram-me a debruçar-me sobre as coisas mais diversas. As questões que me colocava quando era um estudante de graduação e morava na Argentina não eram as mesmas que me colocaria – já adulto – exilado em Lisboa, e parecem-se ainda menos às questões que me coloco desde que vivo e trabalho no Brasil. As coisas mudam, a gente muda – os problemas também.

Olhando para trás, retrospectivamente, algumas vezes desconheço-me. Mas, claro, também desconheço o mundo, a vida, a sociedade, os outros. Só há algo que não muda para mim. No meio de tantas mudanças, ao mesmo tempo políticas e existenciais,

materiais e intelectuais, reconheço sempre uma constante secreta – e essa constante é a escrita.

Seguramente, a escrita é, também, flutuante, porque nunca tive, nem achei nunca que fosse necessário chegar a ter, um estilo. No fundo, há um equívoco de fundo na ideia de que os escritores têm *um estilo próprio*. O estilo é – a ideia é de Flaubert (1973) – uma maneira absoluta de ver as coisas, não um expediente pessoal.¹ As coisas (algumas coisas) solicitam a nossa atenção, o nosso tempo, e exigem que lhes demos forma e expressão, que encontremos as palavras justas para que se manifestem a nós em toda a sua singularidade – e isso é o estilo!

Agora, se o estilo é uma forma de responder às exigências do real, a escrita é o seu instrumento de prospeção. Da escrita, nesse sentido, podemos dizer o mesmo que Espinoza dizia do corpo: ainda não sabemos o que pode a escrita. Ou podemos dizer o mesmo que Artaud dizia do pensamento: ainda não começamos a escrever. Isso significa, em primeiro lugar, a rejeição de soluções superficiais perante a opacidade que caracteriza o real, a desconfiança das suas representações mais difundidas. Como dizia Juan José Saer (2006), adotar, por conveniência ou estupidez, uma poética pessoal ou uma ideologia de compromisso, não deve ocultar um feito capital: para cada nova geração a pergunta sobre a forma de apreender tudo aquilo que se oferece à nossa experiência e, ainda mais difícil, tudo aquilo que torna a nossa experiência possível, continuará sempre em aberto.

Se nunca deixei de escrever, se escrevi durante toda a minha vida, tentando responder sempre ao que os objetos que solicitavam a minha atenção pareciam esperar de mim – sempre mais do que era capaz, por certo –, se nunca deixei de escrever, é porque se trata de um movimento que me precede e já aponta além de mim (como todas as coisas que requerem do nosso cuidado). A consciência disto último requereu de mim uma longa aprendizagem, na qual ainda me encontro envolvido, porque, na medida em que a escrita é solidária da contingência do real, da sua incomensurabilidade com a linguagem humana e da ambiguidade do que é sem significação, não existem métodos para escrever.

Gostaria de ressaltar que descrevo ao mesmo tempo um horizonte de impossibilidade e uma tarefa proposta à nossa liberdade. Por um lado, a escrita constitui um espaço de variação contínua e de recusa das formas estabelecidas, assim como uma constante revisão dos seus objetivos, de suas técnicas e de seu escopo. Por outro lado, as experiências e experimentações que têm lugar na escrita, comportam a assunção trágica de que o seu objeto permanecerá sempre em alguma medida refratário às nossas tentativas de apreensão.

É que a escrita é sempre imprópria. Ora comportada demais, ora um pouco brutal. As palavras pecam inevitavelmente por excesso e por defeito. Barthes (2013) dizia que o real não é representável, mas na medida em que nos afanamos em representá-lo por palavras, há uma história da escrita (e também uma história do pensamento, ou uma

história a seco). Isto é, uma série de “*expedientes* verbais, muitas vezes louquíssimos, que os seres humanos usamos para produzir, aprisionar, negar, ou – pelo contrário – para assumir isso que é sempre um delírio – a saber, a inadequação fundamental da linguagem ao real” (Barthes 2013: 24).

Ainda mais louco que Barthes, Roberto Bolaño dizia pela sua vez: “A escrita se parece muito a uma luta de samurais. Só que o escritor não luta contra outro samurai, luta contra um monstro. Geralmente sabe, também, que vai ser derrotado. Ter a coragem, sabendo previamente que vamos ser derrotados, de sair a lutar: isso é escrever” (Bolaño 2006: 98).

Porque a escrita tem lugar a consciência da sua impropriedade, não existem métodos para escrever. Agora, justamente porque não existem métodos para escrever, é necessário dar-se procedimentos. Um procedimento é uma espécie de protocolo de experimentação. Isso a escrita tem em comum com as ciências empíricas. Com esta diferença: na escrita o escopo da investigação é sempre um horizonte em maior ou menor medida indeterminado. Escrever é uma prática que se conduz sem imagens de um objeto ou fim a atingir. É um tateio, um tateio no escuro – portanto, um modo bastante arriscado de entrar em relação com o mundo, com os outros (é que a gente pode golpear-se assim).

Essa figura do escritor como alguém que tateia no escuro assombrou-me sempre. Acontece que, por um lado, como em tudo, podemos passar anos e anos escrevendo sem encontrar, verdadeiramente, nada! Ou, pior, podemos passar uma vida não encontrando senão as mesmas coisas de sempre, repetindo o que todos repetem, ou inclusive repetindo-nos a nós mesmos (o que é tão triste). Mas, por outro lado, fico espantado só de considerar o sobressalto que supõe, eventualmente, encontrar algo novo – algo verdadeiramente desconhecido – no escuro. Sinto arrepios só de pensar nisso! É assustador!

Sem dúvida, depois desse momento inicial – digamos, de descoberta ou de revelação –, a escrita sabe funcionar também como uma ferramenta de pesquisa – constitui um raro laboratório. As pessoas tendem a associar a escrita com a biblioteca, mas eu prefiro essa outra figura, a do laboratório. O laboratório de um cientista louco, claro!

Evidentemente, nem todas as manifestações da escrita acolhem a experiência ou se abrem à experimentação. Há formas de escrita que consentem em adequar-se às partilhas estabelecidas do saber, ou inclusive aos preceitos da ordem do discurso, reduzindo-se a ser uma prática meramente formal a ser preenchida com conteúdos de inteligibilidade consensual (uma prática mandarinesca, portanto, como lhe chamava Sartre). E quiçá isso não seja assim tão ruim. A exploração ou revisitação dos territórios conhecidos não é necessariamente uma forma desprezível da escrita – as suas imagens ainda nos interpelam, as suas palavras nos tocam, as suas histórias nos comovem, nos identificamos ou nos estranhamos com elas (e consequentemente, não devíamos passar por alto as suas alternativas).

Porém, gostaria de considerar com atenção outra forma de escrita. Penso nessa escrita que, sem uma definição estilística clara nem nada de especial para comunicar

(sem uma intenção pessoal manifesta, nem missão histórica definida, portanto), se consagra à exploração – sem reservas – da língua e das formas visíveis, do espaço e da matéria sensível, independentemente de qualquer preceito de legibilidade ou inteligibilidade, colocando em questão (modificando) as funções instituídas da linguagem e transgredindo qualquer preceito de gênero, de estilo ou de valor. A escrita – assim entendida – afirma, através do seu mero exercício, que aquilo que identificamos como a representação da realidade, numa sociedade determinada e num momento dado, constitui apenas um estágio histórico, um simples momento do devir da consciência, e que, enquanto tal, deve abrir-se a figuras imprevisíveis, mesmo quando ainda possam carecer de nome próprio, de função específica ou de inteligibilidade imediata. Porque se o próprio da escrita é multiplicar as possibilidades de tratamento da realidade, as suas formas não podem deixar de mergulhar na turbulência do real, deixando de lado a atitude ingênua (logo, dogmática) que consiste em pretender saber de antemão como está constituída essa realidade e quais são as formas eficazes da sua representação. Da lucidez e do compromisso com a qual encaremos essa tarefa, dependerão a sobrevivência e a renovação da problemática arte que praticamos. Me atreverei a dizer que, em parte, também a sobrevivência e a renovação da vida sobre a terra?

Seja como for, se este jogo, no que andamos todos, é uma tentativa de ir do mundo ao mundo através das palavras, então a escrita me parece a via mais promissora de todas, a menos circunscrita, a menos comprometida, a mais livre. Atento para o fato que não digo *a mais verdadeira* – nem a mais efetiva.

Quiçá seja necessário ir mais longe. A escrita não é só imprópria. A escrita é, também, indisciplinada. Desde que comecei a estudar filosofia, nos anos noventa, tornou-se popular falar de multidisciplinariedade e de interdisciplinaridade. A disciplina domina em tal medida o saber que, perante os limites que coloca o seu conluio com o poder, as pessoas só conseguem pensar em mais disciplina: multidisciplinas ou interdisciplinas! É um escândalo! Nesse sentido, sempre preferi a indisciplina da escrita, o seu manifesto desprezo pelo método. E, como consequência, a sua surpreende fecundidade criativa.

Numerosos escritores e escritoras exploraram e continuam a explorar essa outra via, ao mesmo templo plural e destinada a um fracasso seguro, a um recomeço perpétuo. Essa indisciplina me entusiasma, mesmo quando (ou precisamente devido a que), pelo seu exercício, a escrita vê-se exposta ao risco do erro, da errância, da perda dos territórios conquistados, e também de qualquer pretensão de verdade – é o risco, sempre, também, da impropriedade ou da impostura. Michel Foucault (2000) considerava tratar-se do risco, continuamente retomado e assumido para cada palavra, para cada frase, e para cada obra, de não obedecer aos códigos linguísticos, aos gêneros literários, às categorias críticas, aos hábitos de leitura, às tendências do mercado (risco, portanto, de uma linguagem de outro mundo, impenetrável, inacessível).

No fundo, talvez a escrita só seja isso: um estranhamento em relação a nós próprios (em relação aos nossos saberes, às nossas instituições, à nossa história). Também um

estranhamento em relação ao mundo, ao real, ao fato de existir algo em lugar de nada. Através desse estranhamento, a linguagem vê restituído o desequilíbrio que lhe é próprio, e a potência associada, assim como pela escrita se opera e atualiza o mistério das coisas. De alguma maneira, por via da experimentação a escrita nos instala no futuro, ou, melhor, num tempo próprio, anacrônico ou, melhor, acrônico, num espaço extemporâneo, onde somos capazes de articular o presente com os espectros do que foi e do que ainda não é, conduzindo-nos além do familiar (evidentemente, de aí não se regressa, ou não se regressa nunca da mesma forma).

Isso significa que a escrita é uma dessas práticas através das quais se manifesta a nossa historicidade, isto é, a dependência das nossas formas de estar e de habitar em relação aos nossos investimentos imaginários e existenciais, intelectuais e políticos. Não a única, certamente, mas uma ao mesmo tempo singular e ao alcance de todos e não importa quem.

Independentemente do peso que carrega sobre as suas costas, em todo o caso, a escrita é herdeira dessa coisa ligeira, sagrada e alada da que falava Platão. A escrita é uma das figuras da paixão. Sendo uma criança, Kafka não conseguia compreender que, no meio de uma bela história, tivesse que interromper a sua leitura para deitar-se.² Simplesmente não lhe entrava na cabeça. Por muito urgentes que fossem as tarefas do dia seguinte, os prazeres que lhe prometia a noite da literatura eram para ele da ordem do improrrogável. Durante as suas longas sessões de escrita (algumas das quais chegavam às 14 horas!) preferia mizar nas calças a ter que interromper a escrita.

Pessoalmente, nunca cheguei a tanto, mas sinto a escrita como uma dessas coisas que são improrrogáveis. Mesmo na confusão das batalhas nas quais nos vemos envolvidos como atores da nossa própria história, o improrrogável faz ouvir a sua voz na escrita. Exige de nós uma consumação imediata, uma entrega total e cega. É ingovernável e, em alguma medida, nos torna a todos, também, ingovernáveis.

Alguém dirá que, antes, isso nos torna irresponsáveis. Também isso, também isso! Pensando melhor, quicá o que tenha marcado o meu próprio caminho durante os anos que levo a trabalhar na filosofia seja certa irresponsabilidade, certa volubilidade. Daí que apenas tenha escrito sobre o que, no mundo e nos outros, desatava o meu desejo. Dito seja, em todo o caso, que raramente escrever foi uma questão pessoal para mim. Pelo contrário, foi sempre, antes, uma dessas paixões impessoais das que falava Virginia Woolf – paixões que dizem respeito às ideias, aos sonhos, à imaginação e à poesia.³

O universo nos desafia desde a nossa origem a debater-nos pela nossa sobrevivência, que hoje, mais do que nunca, é solidária da sobrevivência de todas as formas de vida que povoam a terra (que sobrevivência seria a nossa sem a sobrevivência delas?). Sartre (2001) considerava a escrita como a trincheira desde a qual os intelectuais travam essa batalha.⁴ Pelo que me concerne, como já aponte, a escrita foi sempre para mim, também, um instrumento de prospecção, um laboratório. Mas, cada vez mais, eu sinto que a escrita é outra coisa, e que comporta uma existência ao mesmo tempo aquém e além da

minha humanidade (e também da sua utilidade, de tudo aquilo que pode oferecer-nos como espécie). A escrita quiçá seja o meu *simbionte*.⁵ Como tal, devo-lhe o meu tempo, a minha atenção, o meu cuidado.

Um estudo da UNESCO de 2017 assinalava que mais de cem línguas desapareceram nos dez anos anteriores – e que outras 2572 se encontravam em risco de extinção. E, com cada língua que desaparece, claro, é um mundo que desaparece. Nesse sentido, a escrita não pede de nós originalidade, mas fidelidade e persistência, sensibilidade e compromisso.

NOTAS

* Argentino de nascimento, português por adoção, residente no Brasil, apátrida por convicção, Eduardo Pellejero é professor titular de Estética Filosófica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde também forma parte dos programas de pós-graduação em Filosofia e Artes Visuais. É autor de “A postulação da realidade” (2009), “Perder por perder” (2017), “O que vi - Diário de um espectador comum” (2018) e “Justiça poética (palavras e imagens fora de ordem)” (2019), “Lusco-fusco” (2024) e “O ruído e a fricção - Desdobramentos da experiência estética” (2025).

¹ “Ce qui me semble beau, ce que je voudrais faire, c’est un livre sur rien, un livre sans attache extérieure, qui se tiendrait de lui-même par la force interne de son style, le style étant à lui tout seul une manière absolue de voir les choses. [...] Un style [...] qui serait rythmé comme les vers, précis comme les sciences, avec des ondulations et des ronflements de violoncelle” (Flaubert 1973 : 31).

² Cf. Kafka *apud* Bataille 1989: 33.

³ Cf. Woolf 2014: 217.

⁴ Cf. Sartre 2000: 294.

⁵ Sobre a noção de *simbionte*, cf. Haraway 2023: 109-176.

Bibliografia

- Barthes, Roland (2013), *Aula*, São Paulo, Cultrix.
- Bataille, George (1989), *A literatura e o mal*, São Paulo, L & PM.
- Bolaño, Roberto (2006), *Bolaño por sí mismo: entrevistas escogidas*. Braithwhite, A. (org). Santiago de Chile, Ediciones Universidad Diego Portales.
- Flaubert, Gustave (1973), *Correspondance [par] Flaubert*. Jean Bruneau (ed.), Tomo II, Paris, Gallimard.
- Foucault, M. (2000), “Linguagem e literatura”, in Machado, R., *Foucault, a filosofia e a literatura*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor [1964].
- Haraway, Donna J. (2023), *Ficar com o problema*, São Paulo, Edições N-1.
- Saer, Juan José (2006), *Trabajos*, Avellaneda, Seix Barral.
- Sartre, Jean-Paul (2001), *Qu'est-ce que la littérature?*, Paris, Folio.
- Woolf, Virginia (2014), *O valor do riso e outros ensaios*, São Paulo, Cosac Naify.